

Dia Mundial da Voz

A biblioteca escolar associa-se hoje, dia 16 de abril – **Dia Mundial da Voz** – a todas as iniciativas promovidas no país e no mundo sobre **a voz**, esse, às vezes tão esquecido e desprezado, meio de comunicação por excelência de professores e educadores.

Este dia, assinalado mundialmente, tem o duplo objetivo de consciencializar e promover a saúde do aparelho vocal de todos, alertando para a importância de um diagnóstico precoce perante qualquer alteração significativa do mesmo. Relevante será a consulta do portal do SNS (sns.gov.pt/dia-mundial-da-voz) que oferece conselhos preciosos aos cidadãos sobre esta matéria.

Recomendamos ainda a audição da interessante conversa tida entre a médica Clara Capucho e o cantor Nuno Guerreiro, disponíveis na TSF. Conversa ao longo da qual são dados conselhos práticos para evitar o novo coronavírus. É feito o ponto de situação no que diz respeito à investigação por parte dos otorrinolaringologistas e são indicadas as eventuais sequelas que a Covid-19 poderá provocar na nossa voz.

Alia-se à conversa um cantor afastado dos palcos - Nuno Guerreiro - cantor da *Ala dos Namorados* que nos revela a ansiedade em que vive atualmente. Ansiedade tão irmã da ansiedade de todos nós, nestes dias difíceis, confusos, estranhos e exigentes.

Em tempos de confinamento, a nossa voz não poderá ser reduzida ao silêncio. Mesmo sem proximidade física, a ciência e a técnica, permitem-no, hoje, manter o contacto, escrever, responder, falar, escutar, comunicar, manter *os laços* vivos entre toda a comunidade educativa.

Continuemos, juntos, “combatendo o stress do isolamento”, a fazer chegar a todos a nossa voz.

Juntamos a estas palavras um poema de Alexandre Herculano que gostaríamos de partilhar convosco: fala de voz e de fé.

A Voz

É tão suave ess'hora,

Em que nos foge o dia,

E em que suscita a Lua

Das ondas a ardentia,

Se em alcantis marinhos,

Nas rochas assentado,

O trovador medita

Em sonhos enleado!

O mar azul se encrespa

Coa vespertina brisa,

E no casal da serra

A luz já se divisa.

E tudo em roda cala

Na praia sinuosa,

Salvo o som do remanso

Quebrando em furna algosa.

Ali folga o poeta
Nos desvarios seus,
E nessa paz que o cerca
Bendiz a mão de Deus.

Mas despregou seu grito
A alcíone gemente,
E nuvem pequenina
Ergueu-se no ocidente:

E sobe, e cresce, e imensa
Nos céus negra flutua,
E o vento das procelas
Já varre a fraga nua.

Turba-se o vasto oceano,
Com hórrido clamor;
Dos vagalhões nas ribas
Expira o vão furor,

E do poeta a fronte
Cobriu véu de tristeza;
Calou, à luz do raio,
Seu hino à natureza.

Pela alma lhe vagava
Um negro pensamento,
Da alcíone ao gemido,
Ao sibilar do vento.

Era blasfema ideia,
Que triunfava enfim;
Mas voz soou ignota,
Que lhe dizia assim:

«Cantor, esse queixume
Da núncia das procelas,
E as nuvens, que te roubam
Miríades de estrelas,

E o frémito dos euros,
E o estourar da vaga,
Na praia, que revolve,
Na rocha, onde se esmaga,

Onde espalhava a brisa
Sussurro harmonioso,
Enquanto do éter puro
Descia o Sol radioso,

Tipo da vida do homem,
É do universo a vida:
Depois do afã repouso,
Depois da paz a lida.

Ele o mandou: a causa
Disso o universo ignora,
E mudo está. O nume,
Como o universo, adora!»

Se ergueste a Deus um hino
Em dias de amargura;
Se te amostraste grato
Nos dias de ventura,

Oh, sim, torva blasfémia
Não manchará seu canto!
Brama a procela embora;
Pese sobre ele o espanto;

Seu nome não maldigas
Quando se turba o mar:
No Deus, que é pai, confia,
Do raio ao cintilar.

Que de sua harpa os hinos
Derramará contente
Aos pés de Deus, qual óleo
Do nardo recendente.

Alexandre Herculano, in 'A Harpa do Crente'

A professora bibliotecária
Armanda Dias